

VISÕES SOBRE A POLÍTICA: MONTEIRO LOBATO E OS EUA

JÚLIA SILVEIRA MATOS*

ADRIANA KIVANSKI DE SENNA*

“Um país se faz com homens e livros (...) Nos livros está fixada toda a experiência humana. É por meio deles que os avanços do espírito se perpetuam”.

Monteiro Lobato

O Brasil como se entende hoje, desde seus primórdios como colônia manteve estreitas relações comerciais e políticas com a Metrópole portuguesa, é claro, e com outros países europeus. No entanto, no decorrer do século XX esta cena mudou, as relações internacionais do Brasil estreitaram-se com os Estados Unidos, país irmão de continente, e distanciaram-se da Europa. Alguns historiadores chamam esta mudança no relacionamento comercial brasileiro de “processo de americanização”.

Sabemos que esta nova cena da política nacional com maior respeito pelas indicações americanas em relação aos rumos do Brasil, com assídua entrada de capital americano no país, constantes empréstimos e forte americanização da cultura brasileira não se deram de uma hora para outra, mas foram frutos de um longo processo de construção ideológica. Sendo assim, no presente artigo, analisaremos o pensamento intelectual de Monteiro Lobato e sua crítica ao processo de americanização da cultura brasileira apresentado em sua obra “América: os EUA de 1929”.

Esse processo de americanização não passou sem análise pela intelectualidade brasileira. Os intelectuais brasileiros participaram desta construção ideológica da nação brasileira como formadores de opiniões, assim como, críticos dos status quo. O fim dos

* Professora Adjunto II da Universidade Federal do Rio Grande, doutora em História pela PUCRS, pesquisadora na área de pensamento intelectual, jul_matos@hotmail.com.

* Professora Adjunto III da Universidade Federal do Rio Grande, doutora em História pela PUCRS, pesquisadora na área de fotografia, gênero e história oral, adrianasenna@vetorial.net

anos 20 e início dos anos 30, foi período de intensas transformações no âmbito da política e da cultura nacionais. Entre os anos de 1927 à 1936 obras importantes na história nacional foram publicadas, como a *Evolução política do Brasil* de Caio Prado Júnior; *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Nestes trabalhos vemos a preocupação que os intelectuais do período cultivaram em relação a construção da identidade nacional, como forma de fixação da soberania. A crítica aos sistema político brasileiro fica bem evidente nos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior e neste sentido podemos nos reportar a três obras de Monteiro Lobato publicadas entre 1927 e 1936, *Mister Slang e o Brasil – colóquios com o inglês da Tijuca*; *América: os EUA de 1929* e *O Escândalo do Petróleo*.

No entanto, precisamos antes compreender sob que égide inserimos o termo intelectual. Partiremos para essa conceituação de três teóricos: Norbert Elias, Norberto Bobbio e Jean-François Sirinelli.

1.1. INTELECTUAIS: CONCEITUAÇÃO

Primeiramente para Norbert Elias, devemos destacar que o intelectual se expressa na sua coletividade de grupo, como intelectualidade. Essa se configuraria como, o que o autor chamou de, *intelligentzia*, responsável pelo estabelecimento das margens balizadoras dos comportamentos sociais. A *intelligentzia* seria formada por grupos de homens e mulheres que através dos séculos – dentro do conceito proposto pelo autor de “processo civilizador” – registrou em livro, jornais e tratados como os “espelhos de príncipe”,¹ as normas aceitáveis de comportamento dentro de determinadas condições, como a hora de comer, de deitar, de participar de recitais e outras situações públicas.

Essa perspectiva apontada por Norbert Elias, difere um pouco quando nos debruçamos na conceituação de Norberto Bobbio. O autor discorreu sobre os conceitos apresentados por Kautsky, Benda, Benedetto Croce e Gramisci, e apontou a intelectualidade como uma classe que se divide em dois grupos. O primeiro grupo

¹ Os espelhos de príncipes foi uma modalidade de escrita comum entre os intelectuais na Idade Moderna, pois se configurava em um código de conduta a ser seguida pelo Príncipe, o mais famoso foi o escrito por Maquiavel chamado “O Príncipe”.

poderia ser classificado como os intelectuais puros aqueles que pensariam a intervenção social através da elaboração de teorias e de “princípios guia”, enquanto que o segundo grupo seria formado pelos intelectuais revolucionários que pensariam primeiramente a revolução armada e depois seu programa e idealização. Os dois grupos apesar de se antagonizarem, teriam em comum a consciência da importância de seu papel na sociedade como agentes transformadores, sempre em busca da justiça e da verdade que defenderiam. Outra conceituação apresentada por Bobbio é a distinção entre os dois grupos como os ideólogos e os expertos, os primeiros seriam os pensadores que apresentariam os princípios que deveriam guiar a sociedade, enquanto que os segundos os acadêmicos e pesquisadores responsáveis pela construção do conhecimento técnico-científico que possibilitaria as transformações da vida social.

Entre tantos conceitos, o autor acaba por definir os intelectuais como um grupo de homens que sejam políticos ou não, são conhecidos por suas atividades no campo da literatura, do jornalismo ou dos discursos, por se oporem a ordem vigente e proporem mudança no status quo.

Sirinelli contribui para esse debate sobre o conceito de intelectuais ao afirmar que o intelectual para ser entendido dentro dessa categorização conceitual precisaria ser reconhecido como tal por seus pares dentro de seu tempo, ou seja, sua sociedade deveria reconhecê-lo como um pensador e intérprete dos problemas sociais. O reconhecimento seria a base de atuação do intelectual.

Portanto, seja na perspectiva coletivista de Elias, da categorização classista de Bobbio ou da limitação apontada por Sirinelli, todos os autores perpassam o mesmo espaço conceitual ao afirmarem que os intelectuais, sejam em grupo ou individualmente, sempre almejam a crítica, a mudança, a intervenção e principalmente se entendem como responsáveis pelas transformações propostas. Os intelectuais são diagnosticadores dos problemas vividos pela sociedade, apontam as deficiências da política vigente e propõe os prognósticos, ou seja, a solução.

Assim, podemos afirmar que o conhecimento que temos sobre a sociedade e de nós mesmos em muito é produto do pensamento intelectual. Eles são os responsáveis por registrar os tratados que analisam nossa cultura, habitus, práticas e representações de vida e da mesma forma, canonizam algumas crenças e imaginários.

Monteiro Lobato a partir desse debate pode ser entendido e estudado enquanto um intelectual puro que se dedicou através de seus escritos a influir nos rumos sociais da nação, assim como percebeu e criticou o processo de americanização sofrido pelo Brasil.

1.2 LOBATO E SUA OBRA

A primeira, *Mister Slang e o Brasil – colóquios com o inglês da Tijuca* é um diálogo entre um inglês e um carioca, onde são apresentadas incisivas críticas ao modo de governar de Artur Bernardes, assim como denúncias aos males de sua ditadura. Em *América: os EUA de 1929*, obra a qual analisaremos em seguida, o personagem de Mister Slang é revivido e com ele Monteiro Lobato percorreria os Estados Unidos, mostrando a prosperidade daquele país, tecendo comparações e buscando possíveis soluções para tirar o Brasil do atraso. Em seu retorno, decidido a dedicar-se à luta pelo petróleo e ferro nacionais e o possível auxílio de capital americano para tal investimento, Lobato publicou em 1936 *O Escândalo do Petróleo*. Esta obra se apresenta como um protesto indignado à burocracia federal a entrada de capital estrangeiro para exploração do petróleo.

Assim vemos, que a obra de Monteiro Lobato não pode ser analisada como mera literatura, pois somada as constantes ações o literário assumiu caráter político e atuante na construção de uma nova ideologia nas relações internacionais. *América* principalmente, produzida em fins de 1929 e 30, enquanto Lobato foi adido do Brasil nos Estados Unidos, momento em que se apaixonou pelo sistema de vida americano, também deve ser estudada em sua correlação com as obras citadas acima e com o momento político vivido pelo Brasil.

A personalidade de José Bento Monteiro Lobato é intrigante, em seus tempos de juventude não dava indícios da personalidade intelectual e política que se tornaria, que levantaria a bandeira do progresso social e mental dos brasileiros (CF, BOSI, 1983: 242), ao contrário, neto de fazendeiro, o Visconde de Tremembé, seu destino era ser homem do campo. Ele nasceu em Taubaté, Estado de São Paulo, em 1882. Por escolha de seu avô e não sua ingressou aos dezoito anos na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Em 1904 formou-se, três anos mais tarde foi nomeado promotor em Areias,

Vale do Paraíba, e casou-se com Maria Pureza Natividade no ano seguinte. Com a morte do avô em 1911 herdou sua fazenda e passou a dedicar-se à agricultura. A vida de Lobato seguia o rumo normal de um jovem de família tradicional, no entanto, uma carta escrita ao jornal *O Estado de São Paulo* em 1914 mudou a direção dos acontecimentos. Monteiro Lobato cansado das constantes queimadas praticadas pelos caboclos em suas terras, escreveu carta indignado intitulada “*Velha praga*” e a enviou para a seção de “Queixas e reclamações” do jornal *O Estado de São Paulo*. “*O jornal, percebendo o valor daquela carta, publica-a fora da seção destinada aos leitores; no que acertou, pois a carta provocou polêmica, estimulando Lobato a escrever outros artigos, como por exemplo “Urupês”, e a criar seu famoso personagem Jeca Tatu*”(NICOLA, 1989:191). A publicação da carta de Lobato, conforme Nicola, abriu um espaço de debate em seu pensamento, assim como a oportunidade de veiculação de suas idéias.

Deste momento em diante, Lobato conheceu popularidade e respeito crescentes. Entre 1918 e 1921 publicou *Urupês, Idéias de Jeca Tatu, Cidades Mortas e Negrinha*. Preocupado com os rumos da nação dedicou-se, a partir de 1921, à tarefa de editor e dedicou-se ao lançamento de novos autores. Amigo e admirador de Lima Barreto financiou a publicação de algumas de suas obras. Lobato comprou a *Revista do Brasil* e logo depois fundou a Editora Monteiro Lobato & Cia, a primeira editora Nacional². Após falência, em 1925, juntamente com outros dez sócios fundou a Companhia Editora Nacional e somente em 1944 tornou-se sócio da Editora Brasiliense (CF, NICOLA, 1989:242). Pouco antes em 1917 Lobato deparou-se com a polêmica que marcou sua vida: a exposição de Anita Malfati. Contrário a falta de individualismo do estilo da artista, ou segundo ele autenticidade, Monteiro Lobato criticou seu trabalho em artigo intitulado “Paranóia ou mistificação?”. Neste artigo criticou a pintura de Malfati, chamando-a de caricatural. Em torno de sua crítica reuniram-se em defesa da artista Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Di Cavalcanti, os quais viriam a compor, juntamente com Tarsila do Amaral o grupo dos cinco, presentes na Semana da Arte Moderna. Para Lobato a arte debruçada sobre estilos europeus não poderia ser aceita, era a negação romântica ao estrangeiro.

² Até então os livros eram editados em Portugal.

“... Monteiro Lobato já exigia do artista brasileiro a obra única, pessoal, ‘limpa de todas as gafeiras mentais’. Como não entendiam, ele teria que ser punido por mostrar-se tão ‘inconveniente’. Por outro lado, Nietzsche só vai ser lido e tornar-se um dos filósofos do Modernismo muitos anos depois. O VADE MECUM? VADE TECUM de Nietzsche, insinuador de todo o individualismo em Monteiro Lobato, por essa época não é do domínio ou das preocupações dos futuros modernistas” (LINDERS, 1988: 21).

No pensamento de Lobato o Brasil tinha muito a oferecer em riquezas naturais e culturais, o capital estrangeiro era bem vindo para o desenvolvimento industrial brasileiro, mas culturalmente tínhamos que ser individuais e autênticos.

Mas, a grande transformação no pensamento lobatiano ocorreu durante sua estada como adido comercial do Brasil em Nova York entre os anos de 1927 a 1931. Neste período admirou-se com a exploração dos recursos minerais nos Estados Unidos, com sua qualidade de vida e cultura. Lobato diz, em carta enviada à Érico Veríssimo, considerar os “*Estados Unidos como uma dessas famosas composições musicais que são impostas a todos os grandes executantes a fim de tirar a prova dos nove fora do seu valor real, a rapsódia húngara de Liszt (sic), certas fugas de Bach*”.³ Na carta Lobato expressou a percepção do processo de americanização e seus impactos no Brasil.

Após a Revolução de 30, que destituiu Washington Luís da presidência da República, Monteiro Lobato foi exonerado do cargo de adido e retornou ao Brasil. No ano seguinte chegou ao Brasil com idéias novas, pregando o modernismo industrial, a maquinização do agricultor, o investimento na exploração dos recursos naturais do país. Estava iniciada sua luta pela exploração do Petróleo e do Ferro brasileiros. Apesar de sua grande admiração pelos Estados Unidos não hesitou na defesa do Brasil e em denunciar o monopólio das empresas exploradoras do produto, enfrentando assim a fúria das grandes empresas multinacionais e os obstáculos impostos pelo governo brasileiro a exploração do petróleo e do ferro. Mesmo antes de voltar ao Brasil Lobato já enfrentara sérios problemas nos EUA ao publicar seu livro intitulado *O Presidente Negro e o Choque das Raças*”, onde narra a história da vitória de um candidato negro a Presidência da República nos EUA. Lobato era homem de olhar crítico sobre a sociedade e sua admiração não o impedia a crítica. “*Nessa perspectiva, Lobato encarnou o divulgador agressivo da Ciência, do progressismo, do ‘mundo moderno’*,

³ Fonte extraída do Banco de Dados da Empresa Folha da Manhã Ltda, por Renato Roschel, 2003, www1.folha.uol.com.br

tendo sido um demolidor de tabus, (...) com um superavit de verve e de sarcasmo”(BOSI, 1983:242). Conforme Bosi, o sarcasmo de Lobato que tanto marcou suas obras, foi o instrumento de crítica a hegemonia norte-americana no Brasil.

Desde o tempo de Artur Bernardes na Presidência da República, a quem Lobato criticou em *Mister Slang e o Brasil* (1927), a discussão sobre a exploração do ferro era grande. Cerca de seis anos antes, Assis Chateaubriand foi contratado pela Farquhar para defende-los no processo de concessão da exploração das jazidas de minério de ferro. Bernardes, era então governador de Minas Gerais, contrário ao capital estrangeiro, não teve escapatória na concessão das jazidas a Farquhar, mas, aumentou em mais de mil vezes os impostos sobre a exportação de minério. Argumentava que a entrada de capital estrangeiro traria a falência das pequenas siderúrgicas nacionais e afirmava “... *o que convinha era a manutenção do sistema então vigente – o estímulo à instalação de várias pequenas usinas, cuja construção deveria ser precedida de uma exigência: os empreendimentos podiam ser controlados por capitais privados ou estatais, desde que fossem brasileiros*”(MORAIS, 1994:124). Chateaubriand inconformado com o resultado final do processo surpreendeu-se diante do aceite da Farquhar, mesmo com o alto imposto. Concessão que foi posteriormente foi revogada durante o governo de Getúlio Vargas.

Entre os anos de 1928 e 1931, Lobato visitou em Detroit a Ford e a General Motors e entusiasmou-se com o potencial da siderurgia americana. Retornou ao Brasil com idéias de organizar uma empresa brasileira para produzir aço pelo processo Smith⁴. Lançou-se então na luta, através do Sindicato Nacional de Industria e Comércio, empresa cujo objetivo era “*ferrar*”, ou seja, fornecer ferro, matéria prima para a industria ao país.

Com a conclusão de que o método Smith não era adequado ao Brasil, mas com o mesmo ideal de “... *debelar a pobreza do seu país, torná-lo grande, forte e poderoso, à altura de tratar de caros colegas as maiores potências do mundo*” (ATHANÁZIO, 1975: 37), Lobato resolveu investir no “ouro negro” e fundou então a Companhia de Petróleo do Brasil. Nosso literato no entanto, esbarrou nos interesses das empresas

⁴ O método Smith de siderurgia utiliza um forno simples que exige menor emprego de capital em injeção de ar, com metade da temperatura de fornos normais e menos energia, consegue trabalhar com qualquer minério de alto teor de ferro, para Lobato este método era a solução para o progresso brasileiro.

Royal Dutch-Shell (inglesa) e Standard Oil, exploradoras do petróleo brasileiro. Em assídua luta, denunciou nos princípios de 1935 a permissão do Serviço Geológico para Standard Oil explorar várias regiões petrolíferas brasileiras. Em 1939 escreveu carta ao ministro da Agricultura, o que precipitou a abertura de um inquérito sobre o petróleo. “*O petróleo continuava debaixo da terra. A fim de escondê-lo, o engenheiro Fleury da Rocha conforme denúncia de Monteiro Lobato, chegou a falsificar a profundidade de um poço. Vargas mandou abrir inquérito. E, logo que o abriu, fechou-o ‘E Fleury, em vez de ir para a cadeia, foi para a Vice-Presidência do Conselho Nacional de Petróleo’*” (BANDEIRA, 1989:273). Sua luta pelo petróleo brasileiro não silenciou e chegou a ser preso em 1941 a mando de Getúlio Vargas. Um pouco antes em 1940, Lobato recebeu e recusou um convite de Getúlio Vargas para direção do Ministério de Propaganda. Em carta a Vargas, faz severas críticas à política brasileira de minérios. O teor da carta é tido como subversivo e desrespeitoso. Neste período teve suas obras censuradas e foi muito perseguido por suas idéias. Mudou-se então em 1946 para a Argentina. Lá fundou a editora Acteon. No ano seguinte retornou ao Brasil e preparou reedição completa de suas obras pela Editora Brasiliense. Monteiro Lobato morreu em julho de 1948 e deixou grande legado cultural e intelectual para o povo brasileiro.

América a obra que vamos analisar agora é exemplo do intelectual⁵ que Monteiro Lobato foi. Concordamos que Lobato influenciou nos rumos políticos e culturais do país, com sua grande produção literária, com a fundação da primeira editora nacional e com suas campanhas pela modernização tecnológica nacional inspirada nos moldes americanos. Mas, o interessante para nós é o tipo de intelectual que foi Lobato. Segundo José Guilherme Merquior, Monteiro Lobato foi um intelectual publicista. E estamos de acordo com esta definição, pois, publicista é aquele que escreve e discute problemas de interesse coletivo, com linguagem voltada ao grande público, em busca de uma comunicação mais ampla possível. Este parece-nos ser a definição mais próxima do que foi Lobato. Crítico e sempre atento aos problemas políticos e econômicos do seu país, preocupou-se em escrever para crianças, acreditava na transformação cultural do Brasil através do livro, da comunicação escrita. Podemos dizer que Lobato foi um homem de contradição, um “... *um revolucionário, por um lado, destruidor de falsos ídolos e*

⁵ Preferimos o conceito de intelectual de Amando Miguel. Para ele intelectual é aquele que utiliza as palavras, a linguagem de uma determinada maneira para influir na direção dos assuntos públicos na marcha da cultura, através de uma série de meios de comunicação.

idéias, iconoclasta que luta pela afirmação econômica e social do país e criticando a idealização do caboclo, ou seja, do Jeca Tatu, expressa-se ao mesmo tempo com os ideais estilísticos de um mundo ultrapassado” (APPEL, 1983:29).

Esta obra se divide em trinta e seis capítulos e dois anexos. Sua estrutura lingüística é em forma de diálogo. Este estilo novelístico de escrita possibilitou a Monteiro Lobato, não somente nesta obra, criticar de forma incisiva, metafórica e camuflada. Através do seu diálogo com um personagem fictício o autor viajou por todos os Estados Unidos, falando sobre sua riqueza, diferenças culturais e políticas em relação ao Brasil. Dentro da sua análise sobre os americanos, Lobato vai apresentando os problemas no desenvolvimento industrial brasileiro, o que para ele era a causa do atraso econômico do Brasil em relação aos outros países.

Em *América* Monteiro Lobato apresentou a outra vertente política das relações internacionais brasileiras os chamados *americanófilos*, ou seja, aqueles que preferiam uma maior aproximação com os Estados Unidos à Alemanha ou França. Os Estados Unidos por seu rápido desenvolvimento econômico, industrialização encantou Lobato. O fato de também ter sido colônia dava esperanças de uma transformação na economia brasileira. Nesta obra Lobato apresenta seus ideais, críticas e soluções para o país. Para nós estas idéias são extremamente importantes por não se apresentarem apenas como lobtianas, mas como representantes de uma facção da política brasileira.

Através de Mister Slang, o autor escreve suas principais críticas ao Brasil. No primeiro capítulo em uma das muitas conversas entre o inglês e Lobato, Mister Slang diz *“Acho vocês muito precisados de rejuvenescimento. Andam duros de arteriosclerose n’alma. Calcificados* (LOBATO, 1946: 15)”. Em seu pensamento sobre o Brasil aparecem alguns conceitos comuns aos literatos da época como o determinismo biológico⁶ e geográfico. O determinismo geográfico é desconstruído por Lobato ao comparar as duas ex- colônias, Brasil e EUA. Washington é apresentada como o veículo de americanização do outro, no entanto, não a americanização que Lobato almeja, mas o estabelecimento de relações comerciais com auxílio de capital estrangeiro para o

⁶ Ver: LOBATO, Monteiro Bento. *América: os EUA de 1929*. São Paulo: Brasiliense, 1946. Idéia página 18-19, *“Somos filhos de clima de inverno, temos milênios de adaptação ao clima de estações bem definidas, como índio e o negro os tem de adaptação aos climas de verão eterno. Daí a atração de vocês pela Europa, a nostalgia da Europa, a saudade da Europa ainda nos que nunca estiveram lá. (...) Só negros e índios, continuara ele, poderão deleitar-se ou sentir-se ambientados num cenário de verde eterno, com palmeiras, bananeiras e mais plantas de folhas enormes”*.

desenvolvimento brasileiro, individual e autônomo, o autor não almeja entregar a soberania nacional a outro país, esta idéia aparece quando afirma que está sendo rápida a sua americanização. O autor também fala dos símbolos de identidade dos EUA, o que faltava ao Brasil. No sexto capítulo apresenta o que foi seu principal ideal, *“Um país se faz com homens e livros”* (LOBATO, 1946: 46). A posição da mulher americana também exaltada como figura importante no desenvolvimento da nação. A pujança americana não para de ser apresentada ao leitor e sua gradativa comparação com o Brasil aparece no capítulo oito. *“Tudo é incrível nesta terra absurda. Quando me lembro que foi em 1776 que este país deixou de ser colônia – século e meio apenas (...)”*(LOBATO, 1946: 63). Lobato fala da necessidade do progresso e da maquinização para o melhoramento da qualidade de vida do povo, e subentende que isto faltava ao Brasil, o que somente o ferro e petróleo poderiam trazer ao país. A Economia cafeeira é atacada, e Lobato mostra em seu diálogo com Mister Slang como é frágil, estando o Brasil a beira de um desastre econômico.

Lobato ao combater o determinismo geográfico apresenta sua idéia de que somente o petróleo pode trazer ao país o desenvolvimento necessário. *De fato é assim tudo na América. Evolução a galope, mas sempre procurando conciliar as formas do passado com a essência do presente (...) A coragem das coisas novas não vem de chofre. Leva tempo para formar-se”*(LOBATO, 1946: 105). E no vigésimo primeiro capítulo em carta a um amigo Lobato fala da importância do voto secreto, e afirma que a ausência deste é uma das causas da falência do Brasil. No vigésimo terceiro capítulo o autor volta a discutir com o inglês a importância do ferro para o sistema de estradas. A independência e autonomia são defendidas para Lobato, suas idéias não intreguistas como alguns de seus adversário argumentavam, ao contrario na página 241 deixa bem claro que os EUA jamais vão consultar outro país sobre suas decisões comerciais e políticas. Para Lobato o Crack da Bolsa abalaria mas não poderia quebrar os EUA, pois tinham a formula do progresso o petróleo. Em sua conclusão fala sobre a falta de desenvolvimento ser consequência da falta de petróleo e ferro: *“Como se vê a pobreza do Brasil, decorrente de não produzir ferro e não haver desentranhado o seu petróleo, numa era em que o ferro e o petróleo constituem a base da economia das grandes países, vai lentamente conduzindo o trabalho de sapa da desagregação”* (LOBATO, 1946: 290).

Lobato em América realiza uma análise antropológica da sociedade americana ao mesmo tempo em que analisou e criticou os impactos da imposição dessa cultura sobre a brasileira. Dessa forma, se propôs a atuar como instrumento de transformação da política nacional e de suas relações internacionais, sustentando de certa forma relações de dominação.

FONTE:

LOBATO, Monteiro. *América : os EUA em 1929*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1946.

BIBLIOGRAFIA

APPEL, Carlos Jorge. *Lobato: um homem da República Velha*. In: **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica**, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

ATHANÁZIO, Enéias. *3 Dimensões de Lobato*. São Paulo, Editora do Escritor, 1975.

BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. 2 ed. São Paulo, Civilização brasileira, 1989.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 1983.

BOURDIE, Pierre. *Espaço social e poder simbólico*. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LNDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.

NICOLA, José. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. 2 ed. São Paulo. Editora Scipione, 1989.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o Rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: REMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais*. In: **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997.